



VOZES DA VILA: INVENTÁRIO RADIOFÔNICO DA MEMÓRIA COLETIVA DA VILA DE PONTA DE PONTA NEGRA

Maria Angela Pavan¹

Ana Paula de Barros Ferreira²

Joanisa Prates Boeira³

RESUMO: Este artigo pretende mostrar o processo de produção do rádio documentário *Vozes da Vila*. Utilizamos como procedimento metodológico a entrevista da história oral e história de vida. No local escolhido, há moradores que são guardiões de uma história com mais de trezentos anos, ainda pouco conhecida. A Vila de Ponta Negra (bairro de pescadores de Natal/RN) é um grande celeiro de cultura e tradições que resiste ao tempo. Partimos do princípio de que esta história está na memória individual de cada indivíduo e nas ações e nas relações do sujeito social na sua vida cotidiana. As pessoas ouvidas viveram e vivem intensamente as ações que foram tomadas no passado recente. *Vozes da Vila* é um radiodocumentário que valoriza a voz dos que têm muito a dizer e possuem pouco espaço na mídia tradicional

PALAVRAS-CHAVE: *Memória; História de Vida; Radiodocumentário.*

¹ Professora do curso de Comunicação Social e Pós Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante do grupo de pesquisa Pragma: Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania do Decom/CCHLA/UFRN, cadastrado no CNPq. Email: gelpavan@gmail.com

² Aluna de graduação do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRN bolsista de iniciação científica REUNI e integrante do grupo de pesquisa Pragma: Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania do Decom/CCHLA/UFRN, cadastrado no CNPq. Email: anacutrufelli@gmail.com

³ Aluna de graduação do Curso Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFRN e integrante do grupo de pesquisa Pragma: Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústrias culturais e cidadania do Decom/CCHLA/UFRN, cadastrado no CNPq. Email: joanisaprates@gmail.com

Introdução

O radiodocumentário *Vozes da Vila* nasceu no Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Comunicação Social da UFRN com habilitação em Radialismo e durante seu desenvolvimento tornou-se uma grande série radiofônica constituída de doze episódios que contam a história da Vila de Ponta Negra em Natal no Rio Grande do Norte.

Essa proposta surgiu a partir das experiências vividas pelos idealizadores do projeto *Vozes da Vila* que foram moradores do bairro e tiveram contato direto e diário com fragmentos das lembranças da população desse local (descendentes dos primeiros moradores) a respeito do surgimento e afirmação do lugar como bairro e destino turístico.

A primeira grande transformação da Vila de Ponta Negra foi durante a década de 1960 com a mudança no meio de subsistência: plantações e roçados foram destruídos para dar lugar a loteamentos. Apesar da grande perda econômica e das suas tradições, a vida seguiu de acordo com as condições que existiam e o lugar se transformou em uma vila de pescadores e perdeu as práticas agrícolas. Seus habitantes passaram a trabalhar com o comércio, surgindo os barraqueiros e ambulantes da praia. Ponta Negra se transformou em bairro integrado ao roteiro turístico de Natal. Cresceu vertiginosamente, de forma desordenada, e hoje concentra a maior parte dos hotéis, pousadas, *flats*, bares e restaurantes da cidade de Natal /RN. No meio de toda essa prosperidade, o bairro também se destaca pelos elevados índices de violência, tráfico de drogas e prostituição, devido ao abismo social que se instalou ao longo dos anos. Percebe-se que essa história, e todo o patrimônio histórico-cultural acumulado na Vila, estão caindo no esquecimento da cidade e das novas gerações de moradores, criando uma lacuna entre o passado e presente que ameaça o futuro.

O radiodocumentário funciona como um inventário sonoro desse patrimônio; um registro que retrata a cultura local através de narrativa construída a partir de entrevistas e depoimentos de moradores no cotidiano do bairro.

Dividimos o artigo em três partes, *O caminho percorrido em busca das vozes da Vila de Ponta Negra*, onde abordamos os dispositivos encontrados para realização do

trabalho, principalmente a ajuda das pessoas que fazem parte do bairro que colaboraram com o andamento da pesquisa. *Um bairro e muitas vozes*, onde abordamos as estratégias metodológicas para construção do aporte teórico e a entrevista. E, por fim, nas *Considerações Finais*, descrevemos a realização do documentário, o material bruto, a edição e a pós-produção do radiodocumentário e também uma reflexão do trabalho realizado.

O caminho percorrido em busca das vozes da Vila de Ponta Negra

O objetivo principal era a realização de um documento sonoro para registrar a história da Vila de Ponta Negra a partir do relato das pessoas que construíram sua história de vida no lugar. Ao realizar o primeiro levantamento de dados em livros, arquivos e internet, percebemos que havia uma grande escassez de fontes escritas sobre a história da comunidade. Organizamos um cronograma e decidimos sair em campo para construção da documentação e da coleta de dados. Nessa etapa, contamos com a participação fundamental de Yuno Silva⁴. Ele foi o que o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, do Departamento de História da USP, chama de “ponto zero”, permitindo a criação de uma rede de entrevistados diversificada. Entre eles está a antropóloga Lois Martin Garda, cuja dissertação de mestrado intitulada *A Família e Mudança Social* (1983), realizou um estudo etnográfico sobre os laços familiares e as mudanças sociais dos moradores de Ponta Negra, baseada nos relatos de nativos e antigos moradores. Esta dissertação nos forneceu as primeiras informações detalhadas sobre a história da Vila de Ponta Negra.

Posteriormente à leitura e à busca de fontes bibliográficas, ouvimos a antropóloga que depois de sua pesquisa escolheu viver entre os moradores. Para o primeiro episódio nossa lista contou com dez entrevistados:

⁴ Morador da Vila há trinta anos, jornalista e participante e fundador do SOS Ponta Negra, que atua na defesa dos interesses do bairro e contra a especulação imobiliária. Trabalhou na produção e na realização do roteiro dos 12 episódios do documentário radiofônico *Vozes da Vila*.

ENTREVISTADO	IDADE	LOCAÇÃO
Lois Martin Garda (mais conhecida como Anne - antropóloga e moradora)	63 anos	Casa da entrevistada
Deth Haak (poetisa e moradora)	51 anos	Casa da entrevistada
Antônio Leal (educador e morador)	62 anos	Casa do entrevistado
Maria de Lourdes (Mestra de Renda e nativa)	76 anos	Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra
Helena Correia (rendeira, Mestra de Pastoril e nativa)	67 anos	Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra
Laura Silva (budista e moradora)	62 anos	Casa da entrevistada
Guiomar Rodrigues (professora aposentada e nativa)	90 anos	Varanda da casa da entrevistada
Pedro de Lima (pescador, Mestre de Boi de Reis e nativo)	61 anos	Casa do entrevistado

Porém, esclarecemos que a nossa intenção não é afirmar que o conteúdo do documentário radiofônico *Vozes da Vila* é a verdade absoluta sobre a história do bairro. Nossa intenção é dar voz às pessoas que, de alguma maneira, participaram dos eventos relatados, bem como registrar, através das técnicas de história de vida, a memória coletiva do bairro. Entendemos que a história é movente, e que é necessário, segundo Agnes Heller, uma construção demorada na construção da teoria da história.

Foi um trabalho árduo buscar as lembranças dos entrevistados, informações sobre o passado compartilhado por esses indivíduos, que nos permitisse reconstruir uma versão da história do bairro. Segundo Marialva Carlos Barbosa (2004), cada grupo possui uma memória que evoca quadros sociais da memória. No capítulo *Memória: um passeio teórico*, Marialva apresenta conceitos e discussões em torno da memória social desenvolvidas por Maurice Halbwachs e, dentre eles, a autora elucida o conceito de quadros sociais da memória:

Outra conceituação fundamental de Halbwachs é a ideia de quadros sociais. Os quadros sociais da memória “seriam os instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor a imagem do passado, ligada em cada época ao pensamento dominante na sociedade. Esses

instrumentos são, sobretudo, a língua, o tempo e o espaço, quadros sociais privilegiados da memória. (BARBOSA, 2004, p. 49)

Marialva afirma ainda que, “para Halbwachs, o indivíduo só lembra graças a esses mecanismos dos quais o grupo se serve para lembrar. Os quadros sociais da memória individual são, pois, ao mesmo tempo, quadros sociais da memória coletiva”.

Um bairro e muitas vozes

Para desenvolver o trabalho de resgate histórico através do rádio, foi necessária uma estratégia metodológica que permitisse religar a dinâmica da vida social na Vila de Ponta Negra. No primeiro momento, realizamos uma pesquisa nos arquivos de imagens, fotográficas, jornais antigos, estudos acadêmicos e internet. Esta fase de pesquisa durou dois meses. Depois saímos a campo em busca da confirmação através da memória individual dos moradores do local. Este período de captação durou três meses e resultou em quinze horas de material bruto. Este material foi transcrito na totalidade e a partir da transcrição pensamos a construção do radiodocumentário.

Foram dez meses de convivência entre os entrevistados, de fevereiro de 2010, quando demos início à pesquisa, até dezembro de 2010, quando apresentamos o trabalho e foram veiculados os doze capítulos do radiodocumentário nas rádios públicas brasileiras. Nestes dez meses, houve muitas descobertas, esperas, ouvidos atentos, revelações que transcendiam o material de arquivo pesquisado, muitos laços compartilhados.

São muitos aportes teóricos e metodológicos necessários para se desenvolver um trabalho documental na área de comunicação. Entendemos que a vida social se constrói no ambiente midiático, por isso, considerando o acesso à internet e às redes sociais, foi necessário criarmos um blog⁵ para que as pessoas pudessem ter acesso e também colaborar na troca de informações e memória da Vila de Ponta Negra através do site. Compreendendo que a memória social está sendo repensada através das novas tecnologias (GOULART, HERSCHMANN, 2008, p.17) percebe-se que o “antigo e novo coexistem e competem pela atenção” (BURKE, 2009, p. 62).

⁵ <http://vozesdavila.blogspot.com.br>

Segundo Beatriz Sarlo (2007, p.10) é necessário problematizar o relato oral. De acordo com a autora, “a lembrança insiste porque de certo modo é soberana”, para isso devemos levantar outras formas de pesquisa além da captação em áudio e denotar que a variação de fatos é que nos dá a perspectiva real da história e entender que ela está sempre em construção.

Representar o outro é um caminho envolvente, mas é necessário muita dedicação e tempo. É interessante frisar a importância do processo de trabalho de campo em projetos que envolvem a história de vida na comunicação social. Em cada entrevista realizada, sentimos a presença constante do passado que se faz presente nos vestígios do cotidiano. A senhora Maria de Lourdes, 79 anos de idade, moradora de Ponta Negra desde o nascimento, deixa isso bem claro em seu depoimento:

A Vila era uma vila muito pobrezinha, era uma aldeiazinha bem pequeninha. Pobrezinha, mas você andava a favor, entendeu? Por dentro de mato, apanhando fruta, entendeu? E ninguém via nada, ninguém via... Vai com medo que acolá tem um homem, tem isso, tem aquilo, tem um tarado (...). Mas hoje em dia, minha “fia”, ninguém pode... Nem dentro de casa nós não “tamo” bem. Um dia desse eu tava dentro de casa, de manhã logo cedo, enquanto eu saí pra buscar o lixo lá na porta detrás, entrou um pivetezinho, né, tirou o chinelo, muito educado, tirou o chinelo (risos), entrou na porta, entrou, carregou dois negócio, assim, que o menino escuta, um dele e um do amigo dele, que um custava mais de cem reais. Pegou e levou. (...) Aí meu filho saiu ainda atrás dele e não pegou (...) Aí desceu, foi-se embora trabalhar, quando chegou acolá na frente ele ia, o menino parou a moto, foi pra cima dele, meteu a mão nos bolso dele, tava os dois negócio dentro. Aí o menino voltou pra trás e trouxe, foi uma sorte. É por isso que eu digo a você, nem a gente dentro de casa não tem sossego. De jeito nenhum. A Vila agora tá assim, mas a Vila era uma coisa boa. Era pobre, as coisa tudo era de pobreza, mas era muito boa.



Senhora Maria de Lourdes recorda a infância entre árvores e conta como era feliz apesar da vida humilde

Ao adentrar as casas, descobrimos a forma como conduzem suas vidas, sua intimidade. Envolvemo-nos com o fio da memória e sentimos em cada lembrança a emoção aflorar. A realização deste resgate nos fez sentir parte desta história construída. E o melhor, mudou a forma com que vemos o lugar - Vila de Ponta Negra. Nosso olhar mudou e com a realização dos documentários conseguimos mudar o olhar de quem nos ouve e, assim, reelaboramos a história do lugar a partir das memórias.

O ato de construir o radiodocumentário nos ensinou a desenvolver outra forma de ouvir a percepção do lugar. O verbo ouvir para nós ultrapassou os limites do ver, despertamos uma nova visão. Através do ouvir conseguimos sentir e ter a percepção maior das histórias de vida da Vila e de toda mudança destes últimos cinquenta anos (BERENDT, 1997). Com um ouvido pensante (SCHAFER, 1991), elevamos nosso olhar que saiu da superfície relatada nos folders de turismo do lugar. Conquistamos um olhar poroso que abrange e abarca cada voz. Cada uma delas se transformou numa paisagem sonora que nos acompanha toda vez que passamos pela Vila de Ponta Negra.

Se a voz e som levam o mundo para dentro como nos relata Berendt (1997, p.176), este dentro nos traz a compreensão que os olhos não alcançam. Esta via de mão dupla do mundo sensorial faz com que nossa consciência humana participe e comece a valorizar as particularidades. Esta observação participativa é um trabalho árduo, pois era preciso manter certa distância emocional para poder avaliar e filtrar as informações coletadas nas entrevistas e religar aos outros documentos coletados.

Sentimos na pele a grande dificuldade de manter a objetividade, e não sermos influenciadas por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referencias entre observador e observado. (LAKATOS, 1991, P. 194)

Apesar de utilizar a entrevista não-estruturada com a maioria dos entrevistados, sentimos a necessidade de elaborar roteiros de entrevista para duas entrevistadas: as senhoras Lois Martin Garda (antropóloga) e Guiomar Rodrigues (entrevistada mais idosa da lista, com 90 anos). Elas foram fundamentais para compor a narrativa do primeiro episódio do radiodocumentário *Vozes da Vila*.

Outro tipo de entrevista que utilizamos foi o *perfil humanizado* proposto por Cremilda Medina em seu livro *Entrevista: o diálogo possível*. Medina cita uma

classificação sintética da entrevista na comunicação coletiva, que se dividem em dois grupos: entrevistas de espetacularização do ser humano e as de compreensão. Edgar Morin (1973), porém, classificou quatro tipos de entrevistas: a entrevista-rito – as palavras são rituais que completam a cerimônia, só têm importância para aquele momento (*hic et nunc*); a entrevista anedótica – se situa no nível dos mexericos, fofocas; a entrevista-diálogo – entrevistador e entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade; as neoconfissões – o entrevistador se apaga diante do entrevistado.

Medina vai além da classificação de Morin e oferece subdivisões dos gêneros descritos pelo filósofo: entrevista conceitual, enquête, investigativa, confrontação-polemização e perfil humanizado. Esta última é a classificação que mais se aproxima do método utilizado no *Vozes da Vila*, que tem como objetivo traçar um perfil humanizado, buscando uma entrevista aberta, a fim de mergulhar no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida (MEDINA, 1995, p. 18). Neste sentido, podemos exemplificar tais características através dos relatos das senhoras Maria Helena Correia, Maria de Lourdes e Guiomar Rodrigues, que compartilharam suas lembranças conosco, como se fôssemos amigas de longa data, sempre à vontade para falar de suas impressões sobre a Vila e, sobretudo, acerca das situações e momentos vivenciados por elas.

Tem coisa que não volta mais... Todo tempo de São João e Natal a gente tinha aquele botequim do povo fazia aquelas festas com aqueles ponches pra beber, aquelas águas com abacaxi, chamava-se ponche. Não tinha negocio de cerveja, não tinha nada. Não tinha nada de gelo sabe? Nada de gelo. Era tudo no quente. Hoje é diferente. Antes aqui era uma Vila, hoje é cidade. É muito diferente, tem transporte toda hora ai... Uma vez um menino ia morrendo porque eu não podia ir de pés pra cidade com ele nos braços...” (Depoimento de Guiomar Rodrigues, nascida e criada na Vila de Ponta Negra em 1920.)



Guiomar Rodrigues, na varanda de sua casa na Vila de Ponta Negra, relembra emocionada como era a vida em Ponta Negra na década de 1970.

Neste ponto, percebemos a particular relação entre pesquisador-historiador e a técnica de história oral e comunicador social. A entrevista é um dos instrumentos básicos da pesquisa desses dois profissionais, que devem basear-se em princípios mínimos de civilidade, no que diz respeito ao comportamento ético diante do entrevistado, pois:

9

Nesse sentido existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e o dos jornalistas, cujos textos também têm o imenso poder de influenciar direta ou indiretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem. (AMADO apud ROUCHOU, 2000, p. 181)

Portelli (1997, p.22) exemplifica:

(...) quando fazemos uma entrevista, invadimos a privacidade de outra pessoa e tomamos seu tempo (...) meus colaboradores – os estudantes – me pediram: ‘Ensine-nos a fazer entrevistas.’ (...) a única técnica que me ocorreu foi: ajam com educação. (...) Significa que, em vez de irmos à casa de alguém e tomarmos seu tempo a lhe fazer perguntas, vamos à casa dessa pessoa e iniciamos uma conversa. A arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir.

Além de utilizarmos tais técnicas de entrevista, também consideramos a ética em nosso discurso e a abordagem com os entrevistados, afinal todo depoimento publicado em jornais impressos ou *online*, ouvido em rádios e até mesmo os televisionados, transformam-se em documentos históricos, uma vez que irão testemunhar opiniões,

contextualizar fatos, e poderão servir como fonte de pesquisa e referência para pesquisadores de várias vertentes.

A entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas, confirmação de histórias já levantadas, e pode até mudar o rumo de investigações. Ouvimos, em *off*, depoimentos reveladores; falas que poderiam comprometer os entrevistados e outras pessoas que não estavam ali presentes. Assim, foi preciso refletir, à luz da ética e do bom senso, e filtrar as informações que realmente eram relevantes para o nosso objetivo.

Hoje temos um arquivo sonoro e de imagens muito importante sobre a história da Vila de Ponta Negra. No momento estamos ajudando um novo documentário do lugar. Esperamos que muitos trabalhos nasçam desta metodologia – de resgate da história vivida de um lugar.

Considerações Finais

No período de elaboração do pré-projeto do Trabalho de Conclusão de Curso do documentário radiofônico *Vozes da Vila*, foi publicado o edital *I Concurso de Fomento à Produção de Programas Radiofônicos – Prêmio Roquette-Pinto*, realizado pela Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB), com patrocínio da Petrobras e apoio do Ministério da Cultura. Estudamos o edital e percebemos que tínhamos excelentes condições de concorrer ao prêmio, então resolvemos adaptar o pré-projeto e inscrevê-lo no concurso e fomos contempladas.

Desta forma, o *Vozes da Vila* passou a ser um projeto bem maior do que imaginávamos, ele tornou-se o primeiro documento radiofônico que registra a história de Ponta Negra e desdobrou-se em uma série com duração de seis horas, divididas em doze episódios. Conseguimos, dessa maneira, registrar vários aspectos da Vila de Ponta Negra e divulgá-la não só para Natal, mas para todo o Brasil. Os projetos selecionados poderão ser veiculados em todas as emissoras de rádios públicas associadas à ARPUB.

Escrever um projeto para concorrer ao Prêmio Roquette-Pinto foi muito importante para a definição das características técnicas desse documentário radiofônico.

As informações principais sobre a Vila de Ponta Negra contidas nos episódios são: as primeiras referências históricas sobre Ponta Negra; relatos do desenvolvimento e dos aspectos físicos, geográficos, econômicos, sociais e culturais do local nos últimos 70 anos, a partir da memória popular e de algumas fontes escritas.

Também tentamos responder alguns questionamentos sobre a comunidade.

- Qual a origem do bairro Ponta Negra?
- Qual foi o impacto da Segunda Guerra Mundial no povoado?
- Por que a agricultura parou de ser praticada?
- O que aconteceu com as pessoas que praticavam a agricultura?
- Por que tantas pessoas escolheram morar em Ponta Negra?
- Quando o turismo começou a se desenvolver?
- Qual a atual situação da comunidade?

As entrevistas foram captadas com um gravador de 4 canais, marca Zoom, modelo H4n; microfones do gravador ZOOM H4n; microfone de mão, marca SHURE, modelo SM58; microfone de lapela – marca LESON, modelo ML70; totalizando 8 horas e 53 minutos de entrevistas (material bruto utilizado para edição do primeiro episódio de 30 minutos), realizadas nas casas dos entrevistados ou em locais de reuniões sociais, para criar o que McLeish chama de impressões e verdades.

A razão de usar sons ao vivo é ajudar a criar um clima apropriado. Mais do que isso, para aqueles ouvintes que estão familiarizados com o tema, o reconhecimento de um ambiente autêntico e de ruídos específicos eleva a autoridade do programa. (MCLEISH, 2001, p. 194)

Os ruídos captados durante as entrevistas foram usados para proporcionar sensações de tridimensionalidade ao ouvinte. Por exemplo, quando entrevistamos Guiomar Rodrigues, uma senhora com 90 anos de idade, ela nos acomodou em sua ventilada varanda. Há muitas árvores ao redor da residência dela e também percebemos que sua rua serve de atalho para muitas pessoas cruzarem um quarteirão. Esse ambiente pode ser sentido através de ruídos como o vento, passarinhos cantando, pessoas passando, latidos de cachorro e etc. Esses elementos são essenciais para o documentário ter credibilidade porque esses sons são genuínos e fundamentais para a fidelidade da cena que está sendo apresentada.

Contar quase trezentos anos de história em seis horas divididas em doze episódios de trinta minutos foi a etapa mais difícil da produção e o narrador (junto com outros elementos) foi fundamental para obtenção do resultado esperado.

Um narrador ajuda o programa a cobrir uma área extensa num tempo bem curto, mas aí é que está parte do perigo; e também pode dar a impressão de ser eficiente demais, “cortado” ou “frio” demais. Sua tarefa deve ser *vincular* e não *interromper*. (MCLEISH, 2001, p.193)

Para não cair nessa armadilha, criamos um narrador dramatizado que dialoga e interage com as sonoras e com os ouvintes. Esse estilo de narração estimula o ouvinte a permanecer escutando as histórias e também criou a identidade do radiodocumentário.

A estrutura do radiodocumentário é uma descrição do passado e presente da Vila de Ponta Negra, e é o locutor (de maneira descontraída e com uma linguagem bem próxima daquela falada pelos moradores da vila), dando seqüência as diversas sonoras, que conduz o ouvinte por uma viagem imaginária pela comunidade.

Além de ser o guia do ouvinte, o locutor é o fio condutor que costura as histórias e memórias, criando uma seqüência temporal e lógica dos fatos ocorridos na Vila; ele também estimula a criação de imagens mentais porque descreve os aspectos físicos e emocionais do entrevistado ajudando o ouvinte a imaginar aquilo que está ouvindo.

Outra função importantíssima do locutor é sinalizar a entrada de um novo assunto e identifica quem irá falar na próxima sonora. Mas é importante frisar que o papel do locutor foi potencializado pelos recursos sonoros que foram utilizados.

A música e os efeitos sonoros exploram a sugestão, criando imagens na mente dos ouvintes. São auxiliados pelo tom e pela flexão da voz do locutor ou apresentador. Assim, os efeitos sonoros permitem ao público *ver* o que está sendo descrito e a música possibilita ao ouvinte *sentir* o que se transmite. Servem também para pontuar o programa. (FERRARETTO, 2007, p. 286)

A trilha sonora do documentário radiofônico Vozes da Vila foi pensada com o intuito de enfatizar a vida simples e o cotidiano da comunidade da Vila de Ponta Negra, que traz uma rica bagagem de tradições seculares e grande diversidade cultural, social e econômica. Pensando em valorizar a música do Rio Grande do Norte,

buscamos, dentre os músicos potiguares, aquele que traz em sua musicalidade características que complementassem e marcassem os hábitos e costumes do povoado da Vila. Não demorou muito para descobrir que o escolhido seria o flautista e compositor Carlos Zens.

É interessante registrar aqui que durante a edição do radiodocumentário, enquanto escolhíamos as músicas, a impressão que dava é que elas tinham sido compostas e musicadas especialmente para o *Vozes da Vila*, tamanha sincronicidade das composições com os fatos narrados e a maneira como aquele povo leva a vida. Foram momentos inesquecíveis e emocionantes, que fez a ilha de edição derramar algumas lágrimas durante o processo, um misto de alegria, felicidade e emoção.

Buscamos com este trabalho um aprendizado que nos qualifique enquanto ouvintes das histórias de vida dos protagonistas, que constroem a história no cotidiano, como afirma Agnes Heller (1985) o cotidiano é constitutivo da história, e é o “centro do acontecer histórico”.

As lembranças dos nativos e moradores da Vila de Ponta Negra eram um elemento extraordinário para nós. Enxergamos ali a possibilidade de revelar e contar uma versão da história da Vila de Ponta Negra, que até então não havia nenhum registro. Porém, esse “fato cotidiano” nunca foi algo excepcional para ser pauta de jornais e noticiários locais. Produzir o radiodocumentário *Vozes da Vila* nos fez compreender que, de fato, os meios de comunicação, ao tornarem-se um documento textual ou visual, podem ser pensados como um dos mecanismos contemporâneos de transformação do ausente no presente e, portanto, como um lugar fundador da memória contemporânea (BARBOSA, 2007.)

O *Vozes da Vila* foi veiculado na FM Universitária – que pode ser sintonizada em Natal na frequência 88,9MHz ou online⁶ – de 15 à 30 de dezembro de 2010, iniciando numa quarta-feira e permanecendo diariamente durante a semana, no horário das 12h30 às 13h. E encontra-se disponível no site⁷ da ARPUB para atender rádios

⁶ www.fmu.ufrn.br

⁷ http://www.arpub.org.br/inscricao/index.php?option=com_content&view=article&id=3:vozes-da-vila&catid=1:radiodocumentario&Itemid=1

públicas, comunitárias e privadas sem fins comerciais, interessadas em veicular o programa em sua grade de programação.

Acreditamos que a maior gratificação em produzir o programa Vozes da Vila foi a satisfação de oferecer à comunidade a oportunidade dela contar sua própria história, sentindo-se valorizada por ser ouvida. Percebemos o prazer que as pessoas manifestaram ao contar a sua verdade. É extremamente gratificante ter a certeza de que fizemos a nossa parte, valorizando a cultura e as tradições, transmitindo tamanha riqueza de Natal para o mundo, dando voz à Vila de Ponta Negra. O *Vozes da Vila* foi uma produção desafiadora... E nós faríamos tudo outra vez.

Vigiai e escutai...
Do futuro chegam ventos
Com misteriosas batidas de asas,
E para ouvidos finos há boa notícia

Friedrich Nietzsche - *Assim falou Zaratustra*

Referências

- BARBOSA, Marialva Carlos. *Percursos do Olhar: narrativa e memória*. Niterói : EdUFF, 2007
- BERENDT, Joachim Ernst. *Nada Brahma, a música e o universo da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. – Porto Alegre: Dora Ferraretto, 2007.
- GARDA, Lois Martin. *A Família e mudança social*. Dissertação de mestrado – UFRN. Natal, 1983.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1985.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas. 1991.
- MCLEISH, Robert. *Produção em rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.
- MORIN, Edgar. *A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão*. In: MOLES, A., et al. A. Linguagem da cultura de massa. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: Projeto História n 15. São Paulo, abril 1997.
- ROUCHOU, Joëlle. *História Oral: entrevista-reportagem x entrevista-história*. Revista Brasileira de Comunicação. Vol.XXIII nº 1, janeiro/junho de 2000.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SCHAFER, Raymond Murray. *O Ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.